

OS CONFLITOS DE IDENTIDADE RELIGIOSA DESCRITOS EM DANIEL 1: UM ESTUDO COMPARATIVO DOS DESAFIOS VIVENCIADOS POR DANIEL E O JOVEM EVANGÉLICO CONTEMPORÂNEO EM UMA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAIANO.⁵

RESUMO

Este artigo apresenta uma breve análise dos desafios vivenciados por jovens evangélicos contemporâneos em uma universidade federal do recôncavo baiano, com base nos conflitos de Identidade religiosa descritos em Daniel 1. Tal preocupação se deve à significativa incidência do secularismo, relativismo e naturalismo nas universidades seculares, os quais estão gerando influências negativas em relação à fé desses jovens que um dia professavam ser cristãos. Para tanto, como objetivo principal analisar, com base na experiência de Daniel, que mesmo convivendo em um ambiente cultural hostil, é possível permanecer firme diante das pressões do grupo oposto. Tratou-se de uma pesquisa de levantamento numa abordagem quantitativa, em que foi utilizado um questionário com perguntas objetivas. Os dados indicaram que jovens estão abandonando a sua integridade espiritual, foi percebido que a comunhão com Deus entrou em um processo de declínio.

Palavras-chaves: Daniel. Secularismo. Relativismo. Conflito. Jovem contemporâneo.

ABSTRACT

This article presents a brief analysis of the challenges faced by contemporary evangelical young in a federal university of Bahia state, on the basis of religious identity conflicts described in Daniel 1. This concern is due to the significant impact of secularism, relativism and naturalism in secular universities, which are generating negative influences in relation to these youth's faith, that one day have professed being christians. For this purpose, it has as its main objective to analyze, based on the experience of Daniel, that even living in a cultural hostile environment, it is possible to stand firm against the pressures of the opposite group. It was a reserch in a quantitative approach, where it was used a questionnaire with objective questions. Data indicated that young people are abandoning their spiritual integrity, it was perceived that communion with God began a process of decline.

Keywords: Daniel. Secularism. Relativism. Conflict. Young contemporary.

¹ Bacharelado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT/IAENE).

² Bacharelado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT/IAENE).

³ Ph D em Antigo Testamento pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França – Orientador específico.

⁴ Doutora em Educação e Sociedade pela Universidade de Barcelona - Orientadora metodológica.

⁵ Artigo apresentado ao Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia como requisito obrigatório parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

INTRODUÇÃO

Na vida, são muitos os conflitos enfrentados pela juventude contemporânea, pois precisam experimentar papéis e assumir compromissos, tomar posições com respeito à carreira e ao futuro. Necessitam definir a sua identidade moral e religiosa, o que creem e os princípios que defendem. Portanto, se faz necessário identificar os fatores condicionantes que levam os jovens contemporâneos aos conflitos de identidade religiosa semelhantes os de Daniel 1.

Em se tratando de uma vida com diferentes desafios, os jovens precisam estar bem fundamentados nos princípios que possuem. Por alguma razão, a fé de alguns jovens, quando em contato com o ambiente acadêmico convencional, dilui-se diante dos desafios culturais enfrentados, levando-os a perda, inclusive, de sua identidade religiosa. Um levantamento informal entre amigos e conhecidos revela uma triste realidade relativa ao alto índice de jovens cristãos que abandonam a igreja ao se colocarem em um campo perigoso que se denomina faculdade secular, um ambiente onde eles passam por sérias provações que contrariam seus valores. Nesse ambiente é comum os professores, que na grande maioria são ateus ou pluralistas, usarem sua dialética contra a religião e a existência de Deus.

Portanto, diante dessa realidade, julgamos ser de extrema relevância investigar os fatores que condicionaram a vida daqueles jovens, especialmente no contexto das decisões religiosas, fazendo assim um paralelo com o que os nossos jovens estão enfrentando numa faculdade não cristã. Como estudantes de teologia e futuro pastores, desejamos investigar como as influências seculares estão afetando a vida dos jovens evangélicos universitários.

IDENTIDADE RELIGIOSA SOB A ÓTICA BÍBLICA

A identidade cristã é um processo de esforço para fazer da visão de Jesus, eclosão do Reino de Deus entre os homens, uma realidade concreta, no espaço das relações humanas, da

história e do mundo, em confronto com as forças do mal. (BORGES, 2007, p. 424).

Borges comenta que, o processo de identidade cristã foi abalado pela vida de Jesus. Conforme o autor, somos permanentemente provocados a comparar a nossa identidade cristã já adquirida e a fazer escolhas. A fim de assegurar o que deve continuar a viver da identidade cristã, ousamos arriscar novas questões no mundo, novos encontros, novas compreensões das coisas. Jossua, (1982, p.175), menciona que o ser cristão tem, portanto essencialmente sempre que ver com integridade do homem, para ele, ser santo é mesmo que ser sadio e salvo, inteiro, íntegro.

Encontramos na comunidade judaica um bom modelo de identidade. O judeu Zilbovicius (2010, p. 5) comenta que há muitos poucos anos, a identidade judaica era conferida de forma automática, desde casa, no modo de vida, nas relações sociais e não havia espaço para questionamento. Porém, segundo Zilbovicius, parece que esse processo tornou-se mais árduo e, em muitos casos, a família confere aos marcos educativos a tarefa de transmitir esse legado cultural e étnico aos mais jovens,

como se fosse fácil e de sucesso garantido.

Em relação à identidade religiosa os judeus têm a tendência às vezes, de se verem como guardiões, servidores, mantenedores dessa entidade, e a noção de guardá-la, servi-la, mantê-la, são como a de proteger um objeto externo a nós, que foi confiado para que eles passem adiante, intactos, às gerações seguintes. Intacto significa, também, que não foi tocado, ou seja, não usamos. Nós servimos a ele, mas ele não nos serviu. (GEIGER, 2005, p. 30).

O rabino Schlesinger, falando sobre identidade e as escolhas, menciona que:

Liberdade de escolher até que ponto a religião ditará as regras de nossas vidas é um direito de todos nós. Contudo, antes disto, todo judeu tem o dever de conhecer o judaísmo. Uma educação autenticamente judaica é um pressuposto fundamental. A democratização das escolhas individuais depende do conhecimento profundo das opções que se abrem a nossa frente. Em outras palavras: para decidir qual caminho vai-se tomar, o judeu precisa conhecer as possibilidades que existem. Depois disto, qualquer decisão que se toma será dentro de um contexto judaico. Até para discordar, debater, criticar é preciso conhecer. (SCHLESINGER, 2005, p. 31).

Em relação a nossa atualidade, o rabino Michel defende a ideia de que podemos participar do que há de mais novo, desde que estejamos com nossa identidade consolidada. Para os judeus, religião não é “momento” e sim um modo de enxergar e se comportar perante o mundo. Por outro lado, a criança nasce num país que tem outros cidadãos, com outras características comunitárias ou religiosas. Nessa interação ela percebe a diversidade, descobre a si mesma e aos outros. (COIN, 2005, p. 33). Portanto, para respeitá-los e ser respeitada é necessário que a criança tenha uma percepção positiva da própria imagem judia.

Conforme o autor, ter informações da contribuição judaica para o convívio entre seres humanos, mediante a observância dos Dez Mandamentos, dos princípios de justiça social, da contribuição para o avanço das artes e ciência, pode fundamentar o desejo de preservar as tradições e a história do seu povo, com orgulho de ser judia.

Os judeus como povo se mantiveram graças à educação. Foi por meio dela que, geração em geração, seus costumes, valores e ética foram sendo transmitidos. Desde a mais tenra idade, se preocupam para que seus filhos aprendam não só valores universais, mas também aqueles que servem à manutenção de sua identidade, o traço único e singular, sempre respeitando as diferenças, e levando em conta o individual e o coletivo. (ROTH, 2005, p. 33).

OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR DANIEL DIANTE DAS EXIGÊNCIAS BABILÔNICAS

O capítulo 1 de Daniel constitui uma introdução apropriada ao Livro como um todo, pois explica a presença de Daniel e seus companheiros em Babilônia, os conflitos enfrentados por causa de sua identidade religiosa, e sua promoção a posições de responsabilidade no reino. É nesse cenário que começa todo o drama mais intenso, pois Daniel e seus amigos são levados, juntamente com muitos outros judeus, para um ambiente hostil e degradado espiritualmente por uma cultura e religião pagã.

(THEISS, 2012).

O livro trata do conflito entre o reino de Deus e os reinos do mundo. Naturalmente, por trás disso está o conflito entre Deus e as divindades pagãs. Deus prometeu estabelecer seu próprio reino e defender a causa de seus santos que o serviam naquele reino (Dn 2:4; 7:27). A verdade dessa profecia é comprovada pelo fato de que Deus é ainda conhecido em todo o mundo, mas todas as divindades pagãs dos dias de Daniel foram esquecidas.

Conforme Lasor, um propósito básico do livro é retratar eventos de tal maneira que as promessas de Deus ao seu povo da aliança sejam desvendadas no contexto da história do mundo e dos tempos finais. (LASOR, 1999, p. 618). Mello comenta que, não se contaminar, era a ordem do dia proclamada por Daniel e seus fiéis amigos. Essa é a principal lição de toda a parte histórica de seu livro. É a primária, a vital, a indispensável qualificação para o alto serviço de Deus. (MELLO, 1968, p. 67).

Indiretamente temos sugerido o tema do livro inteiro: o conflito entre Babilônia e Jerusalém, entre o culto pagão e o do verdadeiro Deus. Para Carson, o conflito é entre Babilônia versus Jerusalém, a cidade deste mundo contra a cidade de Deus, um conflito que nas Escrituras atinge seu clímax no livro de Apocalipse. (CARSON, 2009, p. 1127).

O capítulo 1 focaliza a atenção sobre alguns momentos decisivos no conflito milenar entre a luz e as trevas, verdade e erro, e assegura ao leitor que a despeito de perseguição e derrota o povo de Deus sairá vitorioso no final. Os reinos deste mundo podem ter seu breve período de glória, mas no fim “o domínio e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo (Dn 7:27).”

Deus controla os acontecimentos, e isso é sugerido pela declaração: “O Senhor Ihe (Nabucodonozor) entregou nas mãos a Jeoaquim, rei de Judá (v. 2).” O cativo de Judá não foi o resultado da fraqueza de Deus em face dos deuses de Babilônia, mas uma expressão do propósito divino.

Há evidências de que os babilônios davam grande valor à beleza física e faziam disso um pré-requisito para todos os que trabalham na presença do rei e o atendiam em suas necessidades. Isso era verdade em todos os reinos do oriente. Esses jovens deviam satisfazer normas elevadas de excelência física e competência intelectual para serem admitidos à escola palatina, a fim de ocupar postos administrativos no futuro. Entre os conflitos enfrentados por Daniel, destacamos três: o conflito cultural, o conflito no contexto da adoração e comunhão.

Em relação ao conflito cultural notamos que entre as matérias a serem aprendidas estava a língua dos caldeus, língua que tinha muita afinidade com o aramaico. O termo "caldeu" veio também a designar uma classe particular de sacerdotes com privilégios especiais na corte.

A instrução que Daniel e seus três companheiros receberam foi para eles também um teste de fé. Conforme Nichol, a sabedoria dos Caldeus estava aliada com idolatria e práticas pagãs, e misturava feitiçaria com ciência, literatura com superstição. Dessas coisas os principiantes hebreus conservavam-se afastados. Com o objetivo de serem plenamente capacitados para a carreira, o rei deu ordens para

que aprendessem a cultura e a língua dos caldeus e que, por três anos, lhes fossem asseguradas as vantagens incomuns da educação fornecida aos príncipes do reino. Nichol relata que não nos é dito como os jovens hebreus evitavam conflitos, mas a despeito das influências corruptoras, permanecem firmes na fé dos seus pais, como as posteriores provas de lealdade claramente o demonstram. Então o autor defende que os quatro jovens hebreus aprenderam as perícias e a ciência dos caldeus sem adotar os elementos pagãos misturados nelas. (NICHOL, 1984, p. 116).

No contexto da adoração destacamos a seção dos versos 8-16, os quais descrevem a confrontação entre as convicções judaicas em matéria de comer e beber e estilo de vida amoral dos pagãos. Tanto Daniel como seus companheiros resolveram permanecer fiéis a suas convicções. De modo respeitoso Daniel pediu ao chefe dos eunucos que lhes permitisse não contaminar-se. Participar das iguarias da mesa real podia envolver a transgressão de preceitos da lei mosaica relativos a animais imundos, ou a participação em alimentos que tinham sido oferecidos aos ídolos, ou simplesmente pecar contra os princípios de temperança.

Porém, antes da implantação do novo regime, o chefe dos eunucos ordena a mudança do nome de Daniel e seus amigos. Os prisioneiros que foram levados cativos para Babilônia deveriam ser reeducados e tratados como nobres. Vários objetivos estavam em vista: uma reprogramação religiosa (linguagem, literatura e dieta todas continham conotações religiosas e culturais) e uma lavagem cerebral que, ao mesmo tempo em que enfraqueceria a perspectiva de uma futura liderança capacitada entre os israelitas, potencialmente fortaleceria a sociedade babilônica quando o processo fosse completado.

White (2007, p. 481), relata que os nomes de Daniel e seus companheiros foram mudados para nomes que representavam divindades caldeias. O rei não compeliu os jovens hebreus a renunciarem sua fé em favor da idolatria, mas esperava alcançar isso gradualmente. Dando-lhes nomes significativos de idolatria, levando-os diariamente à íntima associação com costumes idólatras e sob a influência de sedutores ritos do culto pagão, ele esperava induzi-los a renunciar à religião de sua nação e unir-se ao culto dos babilônios.

Em relação ao conflito enfrentado frente a alimentação, muito mais que simplesmente comer ou beber, a resolução de Daniel poderia ter sido simplesmente a sua determinação em não se permitir assimilar e espiritualmente se condicionar à cultura babilônica, quando lhe era possível resistir ativamente a ela. (CARSON, 2009, p. 1128).

A pureza do corpo será a medida da pureza da mente e do espírito, e o debilitamento do corpo implica em debilitamento de ambas essas faculdades e do coração. (MELLO, p. 68). Lasor menciona que, os vs 8-16 relatam o teste na corte, no qual eles poderiam aceitar ou não os alimentos e a bebida do rei. (LASOR, 1999, p. 622).

Daniel e seus companheiros tinham sido educados por seus pais nos hábitos da estrita temperança. Tinha sido ensinados que Deus lhes pediria contas de suas faculdades, e que jamais deveriam diminuí-las ou enfraquecê-las. Esta educação fora para Daniel e seus companheiros o meio de sua preservação entre as desmoralizantes influências da corte de Babilônia. Fortes eram as tentações que os rodeavam nessa corte corrupta e luxuosa, mas

eles permaneceram incontaminados. Nenhuma força, nenhuma influência poderia afastá-los dos princípios que tinham aprendido no limiar da vida mediante estudo da Palavra e obras de Deus. (WHITE, 2007, p. 482).

Tinha várias razões pelas quais um judeu piedoso evitaria comer da comida real: (1) os babilônios, como outras nações pagãs, comiam carnes imundas; (2) os animais não tinham sido mortos de acordo com a lei levítica (Lv 17: 14-15); (3) uma porção dos animais destinados ao alimento era oferecida primeiramente como sacrifício aos deuses pagãos (ver Hb 15: 29); (4) o consumo de alimentos e bebidas sibaríticos e malsanos estava na contramão dos princípios de estrita temperança; (5) por todas estas razões Daniel e seus colegas preferiram abster-se de comer carnes. Feyerabend corrobora com essa ideia ao mencionar que antes de serem abatidos, os animais eram oferecidos em sacrifícios aos deuses pagãos, e o vinho era derramado em cálices como libação ao deus do vinho. Os jovens hebreus decidiram não fazer nada que prejudicasse seu desenvolvimento físico, mental e espiritual.

Se Daniel houvesse desejado se alimentar com as iguarias do rei teria encontrado em torno de si escusas plausíveis para afastar-se dos estritos hábitos de temperança. White comenta que Daniel poderia ter argumentado que, dependendo como estava do favor do rei e sujeito ao seu poder, não havia outro caminho a seguir senão comer do alimento do rei e beber do seu vinho. A autora explica que se Daniel se apegasse ao ensinamento divino, ofenderia o rei, e provavelmente perderia sua posição e a vida. Se transgredisse o mandamento do Senhor, ele reteria o favor do rei, e asseguraria para si vantagens intelectuais e lisonjeiras perspectivas mundanas. (WHITE, 2007, p. 483).

O ato de comê-la constituía uma espécie de comunhão com os falsos deuses (Êx 34:15; I Co 8:7; 10:14-22). Ingerir aquela comida era como oferecer homenagens aos deuses de Babilônia. Participar dos alimentos do rei, significava estar ao lado do paganismo e desonrar os princípios da lei de Deus. Por outro lado, Daniel e seus amigos sabiam que suas faculdades físicas e mentais seriam afetadas pelo uso do vinho (Lv 10:1-11).

Carson relata que:

Tal vida de fé (Hb 11.33,34) é alimentada pelo conhecimento de Deus (11.32b), pela consagração a ele (1.8; 3.17,18; 6.6-10) e pela comunhão com ele em oração (2.17,18; 6.10; 9.3; 10.2,3,12). Ela extrai sua confiança do fato de que Deus é soberano sobre toda obra humana e está edificando seu próprio reino. Nosso tempo está em suas mãos, uma vez que as coisas da terra não estão desconectadas das coisas do céu. Ele é um Deus que torna a si mesmo e seus propósitos conhecidos, de modo que seu povo possa conhecê-lo e confiar em sua palavra. Tal conhecimento permite ao povo de Deus resistir à pressão, sabendo que compartilhará da consumação de seu reino. (CARSON, 2009, p. 1122).

Conforme o autor, apesar de viver no exílio por toda a sua vida e sofrer muita oposição, Daniel permaneceu fiel a Deus, e que ainda hoje é possível viver de uma maneira que traga louvor e honra a Deus, assim como fez Daniel.

A menos que haja firmeza de coração na decisão, haverá seguro fracasso. Mas para Daniel o vocábulo fracasso não existia. Esta sublime decisão – não se contaminar- é a grande lição para todo jovem que anela a vitória espiritual sobre o pecado. (MELLO, 1968, p. 65).

Outro conflito enfrentado por Daniel estava relacionado a comunhão com Deus. O primeiro

capítulo mostra como os filhos de Deus mesmo em meio as adversidades do cativo em terra inimiga, são dirigidos pela providência da sua graça (1:9). Alomía, relata uma relação estreita entre Deus e os segredos de uma vida vitoriosa. (ALOMÍA, 1991, p. 133). O autor comenta que, Daniel e seus companheiros eram homens de oração e que, a chave de sua vida de vitórias estava em relação direta com o poder recebido na câmara de oração (1:17,18).

White descreve que as maiores vitórias da igreja de Cristo, ou do cristão em particular, não são as que são ganhas pelo talento ou educação, pela riqueza ou favor dos homens. São as vitórias ganhas na sala de audiência de Deus, quando uma fé cheia de ardor e agonia lança mão do braço forte da oração. (WHITE, 2007, p. 203).

Daniel foi submetido às mais severas tentações que podem assaltar os jovens de hoje, contudo, manteve-se leal para com a instrução religiosa recebida na infância.

Ele estava cercado por influências que subverteriam os que vacilassem entre o princípio e a inclinação; todavia, a Palavra de Deus o apresenta como um caráter irrepreensível. Daniel não ousava confiar em seu poder moral. A oração era para ele uma necessidade. Fazia de Deus a sua força, e o temor do Senhor estava continuamente diante dele em todos os acontecimentos de sua vida. (WHITE, 2007, p.77).

Conforme a autora (2007, p. 99), ainda que nos achemos numa atmosfera maculada e corrupta, não lhe somos forçados a respirar os miasmas, mas podemos viver no puro ambiente do Céu. A mesma defende que podemos cerrar todas as portas à imaginações impuras e pensamentos profanos, erguendo nossa alma à presença de Deus por meio de sincera oração.

À medida que o conflito entre a religião falsa e a verdadeira assume dimensões mais ameaçadoras, maior será o triunfo daqueles que escolheram ficar leais ao lado de Deus. Passarão por um tempo de provas e perseguição, mas sua vitória será tanto mais esplêndida. (SCHWANTES, 2003).

Daniel poderia ter encontrado diversas desculpas plausíveis para violar os princípios divinos, mas não hesitou. A aprovação de Deus é mais importante do que os favores do rei. Ele decidiu permanecer firme em sua integridade, apesar das consequências.

Daniel mostrou que tinha integridade de caráter, mantendo-se fiel a Deus e aos princípios aprendidos em sua infância, mesmo em terra estranha e sob a influência dos princípios pagãos. Quantos transgridem os princípios de conduta para não serem mal vistos pelos amigos ou pela sociedade!

Entre as razões pelas quais esses hebreus preservaram sua fé sem defeito podem notar-se as seguintes: (1) Sua firme resolução de permanecer fiéis a Deus. Tinham mais do que um desejo ou uma esperança de ser bons. Tinham a vontade de fazer o reto e apartar-se do mau. A vitória é possível só pelo correto exercício da vontade. (2) Sua dependência do poder de Deus. Ainda que valorizavam as aptidões humanas e reconheciam a necessidade do esforço humano, sabiam que essas coisas por si mesmas não lhes garantiriam o sucesso. Reconheciam que, além disso, deve ter uma humilde dependência e completa confiança no poder de Deus. (3) Negaram-se a danar sua natureza espiritual e moral mediante a complacência do apetite. Davam-se conta de que o deixar de lado os princípios uma só vez, teria debilitado seu sentido do bem e do mal, o que por sua vez provavelmente os teria

levado a outros maus atos e finalmente à apostasia completa. (4) Sua consequente vida de oração. Daniel e seus jovens parceiros se davam conta de que a oração era uma necessidade, em especial pela atmosfera de mal que continuamente os rodeava.

No versículo 8, no deparamos com a frase “Colocou Daniel sobre o seu coração que não tornar-se-ia impuro com as iguarias do rei e com seu vinho”, a qual é um indício do compromisso com um modo de comportamento social assumido pelo personagem principal dessa história, que é colocado diante de uma situação de ameaça a um determinado valor religioso-cultural judaico conhecido como “lei da pureza.”

Podemos notar que o valor de pureza é apreciado e vivenciado por todo cidadão judeu, quer por nascimento ou proselitismo. Esse valor se estende por todos os segmentos sociais ligados ao judaísmo. A expressão “colocou Daniel sobre o seu coração” denota uma atitude resoluta na qual não há possibilidade de recuo ou negociação. Sendo assim, notamos que a atitude assumida por Daniel representava as características de seu grupo social, a mesma constatamos pelo fato de que além dele, seus companheiros também decidem se posicionar fielmente e não se tornarem impuros.

OS FATORES QUE LEVAM OS JOVENS CONTEMPORÂNEOS A PASSAR POR EXPERIÊNCIAS SEMELHANTES AS DE DANIEL

Assim como Daniel enfrentou problemas em relação a sua identidade religiosa, os jovens contemporâneos enfrentam em universidades seculares. Desde o princípio de sua carreira Daniel foi acometido de decisivas provas de caráter. Entre elas, fora determinado que eles comessem o alimento e bebessem o vinho que se servia na mesa do rei. (WHITE, 2007, p. 482).

No século atual, notamos que os conflitos vivenciados por Daniel e seus amigos se mostram bem presentes. Theiss (2012) relata que, sob o manto do valor e respeito pela cultura e do forte sincretismo religioso em desenvolvimento em nossos dias, muitos estão perdendo suas raízes cristãs. Ele comenta que sob a influência dinâmica do secularismo e relativismo contemporâneo, são poucos os cristãos que têm permanecido em pé.

Como nos tempos de Daniel, a babilônia espiritual, ou seja, todo o sistema falso de religião, seja católico, protestante, espiritismo, ateísmo, naturalismo, panteísmo ou qualquer outro sistema, estão impregnando o mundo de heresias e diluindo a fé de muitos. O secularismo e o naturalismo nas universidades do mundo estão arrebatando muitos jovens que um dia professavam pertencer a Cristo e Sua verdade. No capítulo 1 especificamente, vemos nitidamente o conflito que envolveu princípios alimentares, cultura religiosa e adoração.

Da mesma forma que os quatro jovens exilados se devotam à lei de Deus em lugar de sucumbir aos modos e cosmovisão babilônios, (HOUSE, 2005, p. 638) nós também precisamos estar firmes, pois White (2007) relata que o grande enganador procurou levar Daniel ao ceticismo, fazendo-o perder a confiança em Deus, separar-se de Seu amor e violar Sua lei, e hoje não é diferente, ele usa as mesmas armas.

Geisler (2003, p. 31) corrobora ao mencionar que:

A convicção do cristão na verdade absoluta e no Deus da Bíblia normalmente não é tolerada nos círculos intelectuais seculares. Em geral há uma forte pressão dos colegas, professores e amigos incrédulos para fazer os cristãos abandonarem suas convicções e aceitar a ideia de que a estreiteza do pensamento deles é a mesma mentalidade que em última análise causa imitações grotescas das cruzadas medievais e de toda espécie de perseguições.

Os alunos cristãos que chegam a essas escolas normalmente se encontram num ambiente que oferece muitas respostas diferentes às mesmas questões essenciais da vida. Essa posição filosófica é conhecida como pluralismo. (GEISLER, 2003, p. 34). De acordo com Geisler, os jovens cristãos são exortados a abandonar a crença numa Bíblia arcaica e fazer parte da esfera da educação superior, onde vivem as pessoas inteligentes. Conforme o autor, a única visão tolerada nesses círculos acadêmicos é a que concorda com o pluralismo.

Enquanto os cristãos afirmam que Deus existe e que está perto do ser humano, que o ama, lhe promove cuidados, a filosofia materialista diz, ao contrário, que o principal fim material, percebendo no processo que Deus é uma entidade que só existe na imaginação humana. (GEISLER, 2006, p. 116).

A guerra cultural não é só sobre aborto, direitos dos homossexuais, ou declínio da educação pública. Esses são apenas os conflitos. A verdadeira guerra é uma luta cósmica entre a cosmovisão cristã e as várias cosmovisões seculares e espirituais que estão em ordem de combate contra ela.

Johnson (2004, p. 42), diz que:

Nos anos de 1960, a porcentagem de jovens que ingressavam na faculdade subitamente cresceu, e as atitudes restritas somente à elite intelectual logo se tornaram algo comum. A filosofia do existencialismo, um precursor do pós-modernismo, varreu os campus universitários, proclamando que a vida é absurda, sem significado, e que cada indivíduo deve criar o seu próprio sentido através das próprias escolhas.

Colson (2000, p. 128), relata que quando ela era estudante universitária, o desafio mais difícil para sua fé recentemente encontrada ocorreu em uma aula de sociologia, pois a suposição do relativismo era tão influenciadora que foi difícil para ela manter a esperança na simples possibilidade da verdade objetiva, sem falar na crença de que só o cristianismo era a verdade.

Embora reconhecendo o inevitável conflito entre os valores dos crentes e os da cultura secular, Wilson (2012), disse: “Nós temos que aceitar essa tensão como parte de uma sociedade livre. Temos que aceitar os desafios e encontrar respostas adequadas, através da guia de Deus.” “Se o secularismo intolerante e ideológico ataca os nossos valores religiosos, temos que confrontá-lo com convicção”, disse ele. O autor citou exemplos em que o secularismo tem sido levado muito longe, incluindo tentativas de proibir as meninas muçulmanas de usarem véus na cabeça em escolas públicas, ou impor a prestação de abortos por instituições que rejeitam a prática como uma questão de consciência. “Precisamos incutir nos jovens o amor pela preservação da liberdade religiosa e liberdade de consciência”, afirmou Wilson. “Vamos incentivá-los a participar dessa busca de vital importância da liberdade de consciência para todos”.

White (2007), afirma que a vida de Daniel é uma inspirada ilustração do que constitui um caráter santificado. A mesma apresenta uma lição para todos, e especialmente para os jovens. De acordo com White, a estrita submissão às ordens de Deus é benéfica à saúde do corpo e do espírito. A fim de atingir a mais elevada norma de aquisições morais e intelectuais, é necessário buscar sabedoria e força de Deus e observar estrita temperança em todos os hábitos da vida.

Conforme a autora é uma luta contínua manter-se sempre alerta para resistir ao mal, mas compensa alcançar uma vitória após a outra sobre o próprio eu e os poderes das trevas. Se os jovens são experimentados e provados como Daniel, que honra podem trazer para Deus por sua firme adesão ao que é direito!

Lopes (2005) defende que a vida de Daniel é um farol a ensinar-nos o caminho certo no meio da escuridão do relativismo. Ele comenta que o maior perigo que Daniel enfrentou foi o risco da aculturação. A universidade de Babilônia queria tirar a convicção de Deus da mente de Daniel e de seus amigos e plantar neles novas convicções, novas crenças, novos valores, por isso mudaram seus nomes.

O mundo está mudando todos os dias. Os valores morais estão sendo tripudiados. Vivemos numa Babilônia de permissividades, num reino de hedonismo, numa terra da infidelidade, no cativeiro do pecado. Para a geração contemporânea não existem mais absolutos, tudo é relativo; nada mais é pecado, tudo é normal. (LOPES, 2005, p. 37).

Porém, Daniel era radical em sua posição. Não estava aberto a mudanças, se essas mudanças interferissem em sua fidelidade a Deus. Fidelidade a Deus era inegociável para ele. (LOPES, 2005, p. 38).

Nichol (1984) defende que entre as razões por que Daniel preservou a sua fé imaculada, podemos destacar a firme resolução de permanecer fiel a Deus. Daniel possuía mais que um desejo ou esperança de virtude, tinha um firme propósito de fazer o que era certo e evitar o mal. E reconhecia sua dependência do poder de Deus. Daniel sabia que a oração era uma necessidade, sobretudo por causa da atmosfera do mal que constantemente os cercava.

Assim como Daniel, a obediência fiel deve partir do coração do homem. Nenhum dos servos de Deus ficará sem prova. Aqueles com atitude displicente, que servem só quando convém, cairão na tentação do diabo (Ef 6:10-18; Rm 6:16-18). Deus opera em seu povo para cumprir seu propósito. Mesmo no cativeiro babilônio Deus usou seu povo quando preparava uma parte para a vinda do Messias. Ele abençoou os fiéis com o sucesso. Hoje ele continua a recompensar aqueles que, com a coragem da convicção, defendam Jesus Cristo (Mr 10:29-30; 2Tm 1:12).

Assim como Deus chamou Daniel para testemunhar por Ele em Babilônia, Ele nos chama para sermos testemunhas Suas no mundo hoje. Tanto nos menores como nos maiores negócios da vida, Ele deseja que revelemos aos homens os princípios do Seu reino. Por meio dos quatro jovens hebreus, Deus pôde cumprir Seu propósito. A vida de Daniel e seus companheiros é uma demonstração do que o Senhor fará pelos que buscam de todo o coração realizar o Seu propósito.

Embora humilhados pela deportação e cativo, o povo de Deus não precisava aderir às normas morais que prevaleciam no mundo pagão. Pela fidelidade de um remanescente dedicado o caráter de Deus seria exaltado entre as nações.

Daniel defendeu imediatamente a supremacia do dever sobre a do interesse próprio, da obediência sobre a do perigo, da fé sobre a do medo, do temor a Deus sobre a dos costumes deturpantes da época, do espírito sobre a do corpo, da dieta pura sobre do apetite pervertido, e, acima de tudo, da supremacia de Deus sobre o homem. (MELLO, 1968, p. 69).

Não havia como Daniel evitar os conflitos, mas apesar das influências corruptoras se manteve fiel à fé de seus pais, como podemos claramente apreciar por provas posteriores de sua lealdade. Os quatro jovens aprenderam a perícia e as ciências dos caldeus sem adotar os elementos pagãos misturados nelas. Portanto, notamos ser produtora a preservação da identidade como fator de resistência. Em meio a determinados tipos de influências, seja ideológica, econômica, cultural ou outra qualquer é preciso chamar à reflexão os jovens que vivem sob constantes ameaças de perder a identidade em situações adversas. Porém, não basta apenas refletir, precisam lutar por preservar uma identidade comum constituída pela fé. Resistir preservando a identidade é fator dos mais importantes na conjuntura atual e no momento presente pelo qual passa nosso país.

METODOLOGIA

Tratou-se de pesquisa de levantamento numa abordagem quantitativa, analisando aspectos condicionantes que levam os jovens evangélicos contemporâneos aos conflitos de Identidade religiosa descritos em Daniel 1. Richardson (1999) comenta que o enfoque quantitativo possibilita a obtenção de dados mais precisos em termos numéricos. Assim como Michel (2005), Creswell (2007), também diz que na abordagem quantitativa o pesquisador descreve e explica o que diz por meio de dados quantificados estatisticamente. A investigação quantitativa nos oferece a possibilidade de generalizar os resultados de maneira mais ampla, concede-nos controle sobre os fenômenos e um ponto de vista de contagem e magnitude em relação a eles.

O presente estudo pretendeu-se realizar um levantamento de campo o qual proporcionará uma descrição quantitativa ou numérica de tendências, de atitudes ou de opiniões de uma população, referentes aos fatores que condicionam os jovens evangélicos a enfrentarem conflitos religioso-cultural devido a influência sofrida no meio acadêmico no qual estão inseridos. Foi utilizado questionário para a coleta de dados, com questões específicas, que contrastam as experiências vividas no meio acadêmico e ao mesmo tempo religioso.

As pesquisas desse tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se a solicitação de informações à um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados (GIL, 2008).

O Universo da pesquisa tratou-se da Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB,

localizada no Município de Cachoeira/BA. Sendo que a população da pesquisa constitui-se por jovens evangélicos que compõem o quadro de alunos dessa universidade.

Os participantes da pesquisa foram selecionados por meio da amostragem intencional. A amostragem intencional “constitui um tipo de amostragem não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população.” (GIL, 2008, p. 94).

Utilizamos como instrumento de pesquisa um questionário com perguntas objetivas, pois o mesmo é uma técnica de investigação que abrange uma série de perguntas que são submetidas às pessoas a fim de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, expectativas etc. (GIL, 2008, p. 121). Suas principais vantagens para este estudo estão relacionadas à economia de tempo, simplicidade de compreensão e organização das respostas, há menos risco de distorção e permite que as pessoas respondam no momento que for mais conveniente para elas. (RODRIGUES, 2007; MICHAEL, 2009).

Mediante a união dessa técnica de coleta de dados com o apoio da teoria, podemos obter dados de grande relevância para análise, interpretação e resultado final deste estudo. Os dados foram tabulados para análise no programa SPSS.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De forma geral, os jovens evangélicos que participaram da pesquisa a maioria são do sexo feminino (77,8%) e uma pequena parte corresponde à ala masculina (22,2%), apresentam uma faixa etária maior entre 16 e 30 anos (88,9%); 50% são evangélicos a mais de 11 anos; 88,9% estão na graduação; 44,4% optaram pela universidade secular devido os cursos oferecidos e 22,2% por causa de sua condição financeira; 44,4% diz que seu grupo de amigos está mesclado entre a igreja e a universidade, outros 27,8% dizem que a maioria dos amigos é da igreja.

Notamos que 66,7% relataram que discordam que o fato de estudar em uma universidade secular pode influenciar de forma negativa em sua fé e 33,3% mencionaram que as vezes podem ser influenciados; 38,9% nunca se envolveram em atividades extracurriculares e culturais na universidade que tendem a comprometer sua fé, e 50% raramente ou as vezes se envolveram; 55,6% qualificaria seu testemunho na universidade como moderado, apenas 22,2 considerariam alto, os outros 22,2% muito baixo ou baixo; 55,6% apresentaram o evangelho para poucas pessoas, 11,1% para muitas pessoas e 33,3% para nenhuma pessoa.

Visualizamos que 33,3% receberam uma educação religiosa regular, 55,5% receberam uma educação nos níveis bom a excelente; 61,1% relataram que a influência da educação religiosa recebida na infância teria um resultado moderado ou alto diante dos conflitos; 55,6% sempre ou quase sempre frequentam os cultos da igreja, e 38,9% as vezes ou raramente frequentam os cultos; 44,4% sempre ou quase sempre continuam participando das atividades da igreja com a mesma intensidade de antes, 38,9% as vezes ou raramente participam, 16% nunca mais frequentaram os cultos; 55,6% consideram

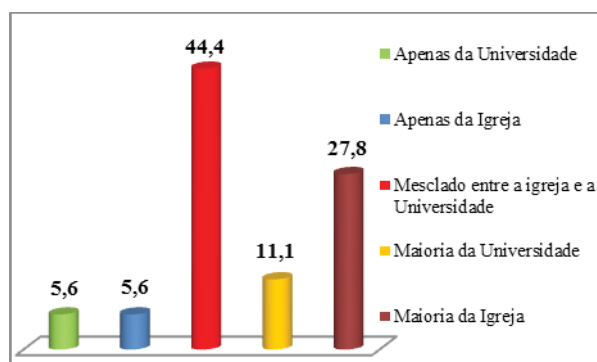
seu estudo da Bíblia como bom ou regular, 21,3% consideram entre excelente e muito bom e 22,2% como insuficiente.

Contatamos que 38,9% oravam entre 10 minutos ou mais por dia, 33,3% orava entre 5 e 10 minutos e 27,8% entre 1 e 5 minutos; 44,5% oram mais de 10 minutos ou mais por dia, 44,2% oram apenas no máximo 10 minutos, e 11,1% não oram mais após ter ingressado na universidade; 94,4% nunca fizeram uso de algo que prejudicasse sua saúde antes de ingressarem na universidade secular.

Notamos que 83,3% mesmo após ingressar na universidade secular permaneceram sem fazer uso de algo que prejudicasse sua saúde e 11,1% começaram a utilizar bebidas alcoólicas; 66,7% mencionaram que diante de uma questão que colocaria a sua integridade cristã em conflito teriam uma reação de nenhum consentimento, 33,4% teriam uma reação de total ou parcial consentimento; 38,9% discordam ou discordam totalmente que a instituição é um lugar que favorece a prática de ações que contradiz sua fé, 33,4% concordam ou concordam totalmente que pode sim favorecer, e 27,8% concordam que as vezes.

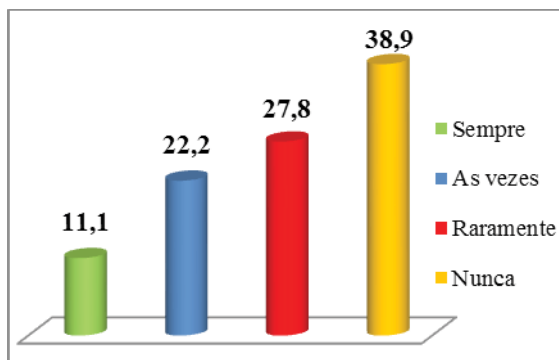
Viu-se que 66,6% discordam ou discordam totalmente que em seu vocabulário foram inseridos gírias ou palavras inapropriadas para um cristão por consequência do meio em que estudam, 22,2% mencionaram que as vezes utilizam gírias e 11,1% concordam totalmente.

GRÁFICO 1: GRUPOS DE AMIGOS

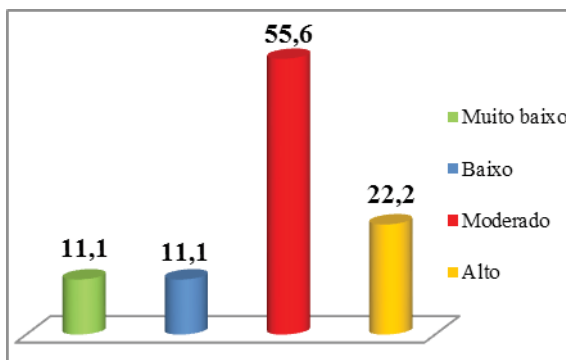


Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 1, podemos constatar que, 44,4% da amostra diz que seu grupo de amigos está mesclado entre a igreja e a universidade. White (2007, p. 88, 89), diz que se os jovens estiverem em companhia de descrentes, ateus ou incrédulos, uma educação de qualidade os incentivará a reconhecer e defender sua crença nas sagradas verdades do evangelho, em oposição às cavilações e aos gracejos de seus perversos companheiros.

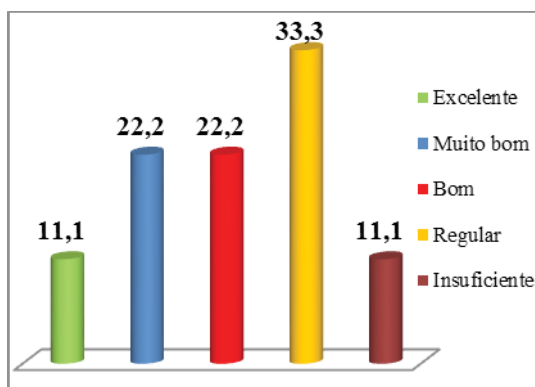


Fonte: Dados da pesquisa

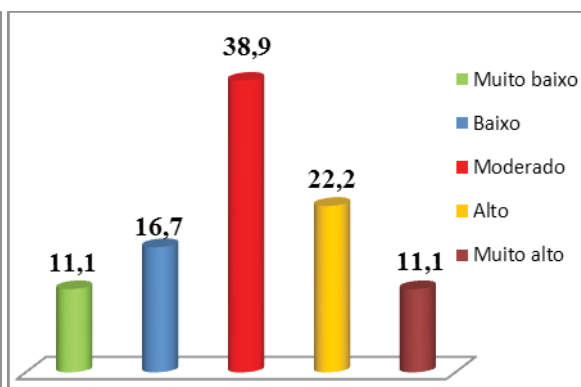


Fonte: Dados da pesquisa

A partir dessas representações gráficas 2, podemos visualizar que 38,95% da amostra nunca se envolveram em atividades extracurriculares. A representação gráfica 3, mostra-nos que 55,6% qualificam o resultado do seu testemunho na universidade como moderado. White (2007, p. 89) defende que se os jovens que foram bem instruídos por seus pais estiverem em presença dos que pensam ser uma virtude alardear as faltas de professos cristãos e zombar então da religião, moralidade e virtude, a verdadeira independência mental os incentivará a mostrar de maneira cortês, mas audaz, que o ridículo é um péssimo substituto para o sólido argumento.



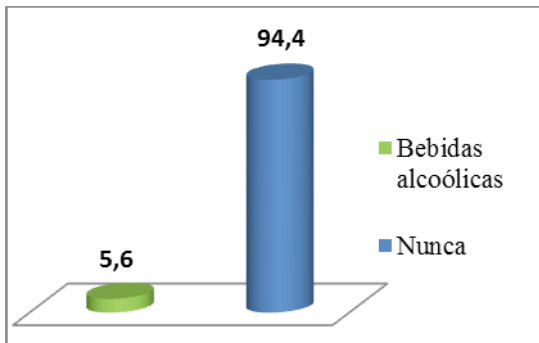
Fonte: Dados da pesquisa



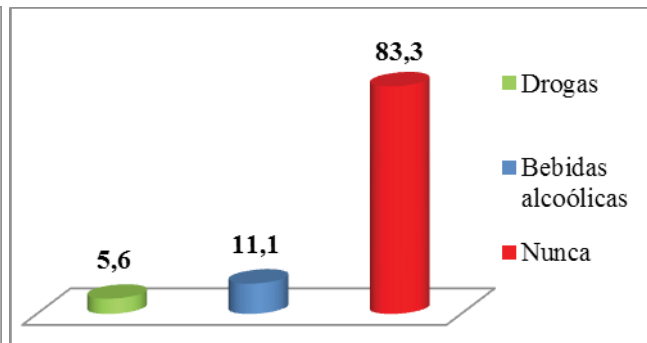
Fonte: Dados da pesquisa

Nessa representação gráfica 4, podemos visualizar que 33,3% recebeu na infância uma educação religiosa regular. No gráfico 5, 38,9% mencionaram que a educação religiosa recebida na infância teria uma influência moderada diante dos conflitos.

Daniel mostrou que tinha integridade de caráter, mantendo-se fiel a Deus e aos princípios aprendidos em sua infância, mesmo em terra estranha e sob a influência dos princípios pagãos. Muitos jovens transgridem os princípios de conduta para não serem mal vistos pelos amigos ou pela sociedade.

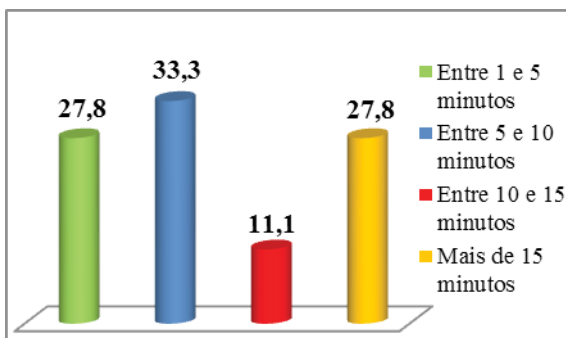


Fonte: Dados da pesquisa

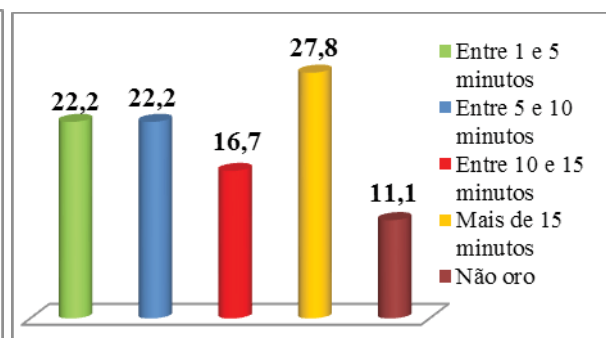


Fonte: Dados da pesquisa

A partir dessa representação gráfica 6, podemos visualizar que, 94,4% nunca fizeram uso de bebidas alcoólicas ou drogas antes de ingressarem na universidade. Porém, no gráfico 7, podemos concluir que 11,1% passaram a fazer uso de drogas ou bebidas alcoólicas após ingressarem na universidade. Mello (1968, p. 65) defende que a sublime decisão – não se contaminar - é a grande lição para todo jovem que anela a vitória espiritual sobre o pecado. A menos que haja firmeza de coração na decisão, haverá seguro fracasso. Mas para Daniel o vocábulo fracasso não existia.



Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

A representação gráfica 8, mostra-nos que 33,3% desses jovens oravam entre 5 e 10 minutos antes de ingressarem na universidade. Ao visualizarmos o gráfico 9, podemos constatar que, 16,7% passaram a orar entre 10 e 15 minutos, porém notamos que 11,1% não oram mais. White (2007, p.77) relata que a oração era para Daniel uma necessidade. Fazia de Deus a sua força, e o temor do Senhor estava continuamente diante dele em todos os acontecimentos de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi analisar os desafios vivenciados por jovens evangélicos contemporâneos em uma universidade federal do recôncavo baiano, com base nos conflitos de Identidade religiosa descritos e Daniel 1.

A análise do tema proposto à luz dos resultados obtidos indicou que a incidência do secularismo, relativismo e naturalismo nas universidades seculares, estão influenciando de forma negativa os jovens cristãos universitários. Podemos constatar que pelas razões já citadas, a fé de alguns jovens, quando em contato com o ambiente acadêmico convencional, diluiu-se diante dos desafios culturais enfrentados, levando-os a perda, inclusive, de sua identidade religiosa. Se nossa identidade moral e religiosa não for bem definida, não estaremos habilitados a permanecer fiéis mediante os conflitos.

Diante do que foi apresentado, para que um jovem universitário contemporâneo mantenha um padrão de integridade moral nos diversos desafios enfrentados, é indispensável uma vida de comunhão com Deus, semelhante a Daniel.

Observamos que alguns jovens sofreram um declínio em relação a sua comunhão no que diz respeito à oração, o estudo da Bíblia e a frequência aos cultos, de tal maneira que eles não sentem mais a necessidade de orar, ler a palavra e participar dos eventos da igreja e, por falta de intimidade com Deus e influência dos amigos, muitos passaram a fazer uso de substâncias prejudiciais à saúde, tais como bebidas alcoólicas e drogas. Porém, aqueles que mantiveram sua vida dedicada a Deus, não sofreram nenhum declínio em sua vida espiritual.

Portanto, assim como Deus chamou Daniel para testemunhar por Ele em Babilônia, Ele nos chama para sermos testemunhas Suas no mundo hoje. Tanto nos menores como nos maiores negócios da vida, Ele deseja que revelemos aos homens os princípios do Seu reino. Muitos porém, estão esperando que uma grande obra lhes seja levada, ao mesmo tempo que perdem diariamente oportunidades para revelar fidelidade a Deus nas pequenas coisas. Daniel foi fiel em tudo, e Deus o abençoou. Não podemos nos intimidar ou desistir diante dos conflitos. Devemos encarar esses conflitos com oração, estudo da Bíblia e apoio dos amigos. Para tal devemos buscar sabedoria de Deus para realizar a grande tarefa de defender a identidade religiosa.

REFERÊNCIAS

- ALOMÍA, Merling. **Daniel**: su vida, sus tempos y sumensaje. Ediciones Theologica. Lima, Perú: Universidad Unión Incaica, 1991.
- BORGES, Anselmo. **A identidade cristã**: desafios e desafiada. a propósito da extrema proximidade do Deus não-experimentável. **Igreja e Missão**, Vila Nova de Gaia – Portugal. n. 204-206, p. 424, jan – dez. 2007.
- BOTTON, Alain De. **Religião para ateus**. Tradução: Vitor Paolozzi. Rio Janeiro: Intrínseca, 2011.
- CARSON, D.A. **Comentário bíblico**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- COIN, Etejane Hepner. Educação e identidade judaica. **Shalom**, São Paulo, n. 391, vol. VIII, p. 33, 16 out 2005.
- COLSON, Charles e PEARCEY, Nancy. **E agora como viveremos?** Tradução: Benjamim de Souza, 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.
- COMENTARIO biblico Adventista del septimodia: la santa biblia con material exegetico y expositivo. Francis D Nichol, Victor E. Ampuero Matta, Nancy W. deVyhmeister. California: Pacific Press, 1981.
- CRESWELL J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FEYERABEND, Henry. **Daniel, verso por verso**: revelações de Deus para os nossos dias. Tradução: Delmar F. Freire. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- GEIGER, Paulo. Gerações. **Shalom**, São Paulo, n. 391, vol. VIII, p. 30, 16 out 2005.
- GEISLER, Norman L. **Não tenho fé suficiente para ser um ateu**. Tradução: Emirson Justino. São Paulo: Vida, 2006.
- _____. **Fundamentos inabaláveis**: resposta aos maiores questionamentos contemporâneos sobre fé cristã: clonagem, bioética, aborto, eutanásia, macroevolução. Tradução: Heber Carlos de Campos. São Paulo: Vida, 2003.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HENRY, Matthew. **Matthew Henry**: velho testamento. Tradução de Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2008.
- HOUSE, Paul, R. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução: Sueli Silva Saraiva. São Paulo: Vida, 2005.
- JOHNSON, Phillip E. **Ciência, intolerância e fé**: a cunha da verdade: rompendo os fundamentos do naturalismo. Tradução: Elizabeth Gomes. Viçosa: Ultimato, MG, 2004.
- LASOR, William. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- LOPES, Hernandes, Dias. **Daniel**: um homem amado no céu. São Paulo: Hagnos, 2005.
- MARCONCINI, Benito. **Daniel, um povo perseguido procura as fontes da esperança**. Tradução:

Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

MELLO, S. Araceli. **Testemunhos históricos das profecias de Daniel**. Rio de Janeiro, 1968.

MICHAEL, M.H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NICHOL, D. Francis. **Comentários sobre Daniel**. Tradução: Valério Silva Fortes. 3. ed. São Paulo: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia-IAE, 1984.

PEARCEY, Nancy. **A verdade absoluta, libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural**. Tradução: Luis Aron. Rio de Janeiro: Casa publicadora das Assembleia de Deus, 2006.

RICHARDSON, J. (Org.). **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, R. M. **Pesquisa acadêmica**: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007.

ROTH, Myrian Mau. Educação na construção da identidade judaica. **Shalom**, São Paulo, n. 391, vol. VIII, p. 33, 16 out 2005. *Shalom*, outubro 2005.

SCHWANTES, J. Siegfried. **Daniel, o profeta do juízo**. Editor: G. P. Araujo. Engenheiro Coelho: Gráfica Alfa, 2003.

SCHLESINGER, Michel. Peixes dentro d' água. **Shalom**, São Paulo. nº 391, vol. VIII, p. 31, 16 out 2005.

THEISS, Gilberto. **Daniel capítulo 1 e o tempo do fim**. Disponível em: <http://gilbertotheiss.blogspot.com.br>. Acesso em: 07 maio 2012.

ZILBOVICIUS, Celso, Os desafios da educação para os próximos anos. **Edujudaica**, São Paulo. Ano 1, n. 2, p. 05, abril 2010.

WHITE, E. G. **Fundamentos da educação cristã**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Profetas e reis**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Profetas e profetas**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **O desejado de todas as nações**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2007.